



## FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE: CONTEXTURAS DO ESPAÇO/TEMPO DE CRIAR

### TEACHING AESTHETIC TRAINING: SPACE/CREATION TIME CONTEXTURE

Fábio Wosniak / UDESC

#### RESUMO

Neste artigo, discuto parte da minha pesquisa sobre formação estética docente, desenvolvida no percurso do doutoramento no PPGAV/UDESC. A proposta desta formação foi desenvolvida a partir de fundamentos teóricos poéticos da arte como experiência, ancorados em filósofos como John Dewey (1859-1952) e Maxine Greene (1917-2014). O estudo tem como objetivo produzir conhecimentos sobre a relevância da experiência estética na formação docente. Trata-se de um estudo empírico, com proposições estético-artísticas realizadas no espaço do ateliê de pintura, cujos procedimentos metodológicos giraram em torno da colagem como expressão e do conceito artístico-metodológico.

#### PALAVRAS-CHAVE

Formação estética docente; arte como experiência; experiência estética; colagem.

#### ABSTRACT

In this article, I discuss part of my research on aesthetic teacher education, developed in the course of PhD in PPGAV/UDESC. The proposal of this formation was developed from theoretical-poetic foundations of art as an experience, anchored in philosophers such as John Dewey (1859-1952) and Maxine Greene (1917-2014). The study aims to produce knowledge about the relevance of experience aesthetics in teacher education. It is an empirical study, with aesthetic-artistic propositions carried out in the space of the painting studio, whose methodological procedures have turned into collage making as an expression and an artistic-methodological concept.

#### KEYWORDS

Teacher aesthetic training; art as experience; aesthetic experience; collage.

### **Espaço/tempo como travessia: *percursos para reconstruir a experiência estética***

Esses movimentos de atravessar, percorrer, na perspectiva poética das experiências estéticas, nos ensinam a criar existenciais visíveis e tangíveis à matéria da criação. Nesta ideia, de percorrer travessias, construindo caminhos imaginados, realizei um chamamento para estudantes de cursos de licenciatura e professores – de qualquer área do conhecimento – para vivenciarmos experiências estéticas e andarilhar nos espaços “entre meio-lugares”: Vida e Arte, Educação e Artes Visuais, prática docente e práticas estético-artísticas. Segundo Berenstein:

[...] estar entre não quer dizer ser uma coisa ou outra, quer dizer ser temporariamente uma coisa e “outra”, assim como, o “meio-lugar” não seria exatamente um lugar preciso, nem um não lugar, mas a sua prática, a sua apropriação ou seu uso (JACQUES *in* CARERI, 2013, p. 10).

Esta maneira de pensar, inserida no contexto da formação e das práticas estético-artísticas-reflexivas, propiciou refletir, já no primeiro encontro com os participantes, sobre um dos objetivos da formação: estar em constante estado de aprender, “[...] aprender com a experiência, o que significa ‘aprender a aprender’ ou aprender a pensar, o único hábito capaz de permitir ao ser humano traduzir forças, capacidades, aptidões em realizações socialmente valorizadas” (PACHECO, 2008, p. 33). Ou seja, não assumir rótulos – ser uma “coisa” ou “outra”, mas manter o *espírito de aprendiz*.

O lema dessa formação foi: olhar com os olhos para as produções estéticas do ser humano e como aprender com esta forma singular de conhecimento. A justificativa para isso é que, em um curto período da construção teórica sobre as Artes, alguns pesquisadores das recém-nascidas ciências estéticas do homem confinaram-se de tal modo em suas teorias, comprometidos em explicar a produção poética humana, de forma compartimentalizada, que parecem ter deixado de lado a vida dos seus pesquisados. Dessa forma, o que sempre se olha é o “objeto de estudo” a partir de uma perspectiva teórica e nunca da vida mesma.

Para tecer este tempo/espço e experienciar a intensidade dos exercícios estético-artísticos, fez-se necessário pensar o ambiente. Na tentativa de produzir este tempo/espço da criação, os encontros com os participantes aconteceram

integralmente no ateliê de pintura da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Está justamente na noção de espaço como um lugar praticado, a compreensão polimorfa, dos percursos que seriam investigados.

Para não criar uma ideia artificial acerca do conceito de espaço e buscar uma interlocução crítica com a linguagem poética, comigo e com os participantes, procurei incitar o desejo de procurar compreender os fenômenos da experiência estética no percurso da reflexão da prática docente. Buscando pistas que provocassem a resposta, não imediata, de como estas práticas estéticas podem contribuir para o exame crítico da atuação docente, como também refletir como uma experiência estética propicia harmonizar a concepção de que o processo educativo deve estar em conexão com os princípios da vida.



Formação Estética para Professores e Estudantes de Licenciatura. 2017. Acervo do autor

Assim, o ambiente onde estávamos imersos deveria produzir a construção de novas paisagens educativas. Os encontros diziam respeito à vida de cada integrante, e de como estávamos construindo nossa carreira como professores. Para quem já estava atuando como docente, este deveria questionar sua prática, e para quem era estudante, quais as expectativas e desejos que continuariam a movê-los.

Novas cartografias precisam ser desenhadas, de maneira a transversalizar os conhecimentos, ou seja, seria da união dos nossos saberes que estas cartografias surgiriam, seriam estes mapas os dispositivos que inquietariam qualquer

configuração que trouxesse uma ideia representacional ou estereotipada de Educação. Estar em um espaço como o ateliê de pintura, para pensar a Educação, já era uma grande novidade para a maioria dos participantes. Nesse sentido, nos aproximamos dos conceitos de Certeau para lugar e espaço. Para o autor, lugar é:

[...] a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (2013, p. 184).

Em contrapartida,

[...] o espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais... diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (*Ibdem*).

Desse modo, o ateliê é concebido como um espaço para praticar esta unidade polimorfa, que altera o percurso da estabilidade das certezas, do “próprio”. O ateliê é compreendido como um espaço para produzir sentido partindo dos conteúdos das Artes Visuais.

Então, foi a partir da noção de uma filosofia da experiência estética que desenhei a proposta desse curso de formação. Perseguindo nesses encontros estético-artísticos mais do que o mero reconhecimento da relevância das Artes Visuais na formação humana. Mas investigar o que é ir além, questionar e aprender em contato com o fazer/pensar Artes Visuais. Que consciência experiencial e orgânica é esta da experiência estética?

### **Colagens possíveis: Formação Docente, Experiência Estética e Colagem**

A primeira consideração para o quadro metodológico deste estudo foi que fosse compatível com uma filosofia da experiência estética ou educação estética. Testes quantificáveis que medem a forma como os esforços dos participantes desta forma de aprender/ensinar artes visuais, ou mesmo métodos qualitativos que abordam questões de técnicas, perderão o ponto maior do significado de uma experiência estética. Um estudo que mede habilidades ou resultados puramente cognitivos, sem levar em conta a experiência estética central, pode realmente confundir as intenções

e propósitos mais profundos da educação estética.

A tríade a seguir: Formação Docente, Experiência Estética e Colagem, é apresentada em sua síntese, pois o conteúdo deste estudo ainda está sendo elaborado. O que apresento ao leitor são pistas de um trabalho que está começando e pretende continuar em meio a muitos debates, estudos, experimentos e escritos. Nesse sentido, uso a imagem do Uróboro. É a melhor maneira de dizer sobre este projeto de formação estética docente.

### **Formação Docente**

O projeto desta formação não segue o sentido tradicional, como o de capacitação ou reciclagem, e também não é um lugar para aliviar as angústias, para fazer algo diferente do habitual – “sair da rotina”. Pode-se apreendê-lo como uma proposta, situado em uma perspectiva teórica e metodológica cujo exercício constante é inquirir sobre as aprendizagens nascentes dos encontros desses profissionais e estudantes com as experiências estéticas no campo das Artes Visuais, como também no encontro deles com obras de Artes, ou ainda, no seu encontro com suas próprias produções estético-artísticas. Refletindo sobre as experiências educativas vindouras desse percurso que enunciará novas “certezas” pedagógicas, novas maneiras de habitar e experimentar o mundo, os conhecimentos, de conhecer a si mesmo – conhecer-se é experimentar a liberdade (GREENE, 2001).

Vivenciar o mundo, se (re)alimentando de experiências plenas e intensas, ou melhor, de experiências estéticas que, para Dewey (2010) e Greene (2001), são a única experiência que envolve todas as capacidades humanas, na qual todo o organismo encontra-se envolvido no processo de uma apreensão inteligente do mundo. Este movimento de uma experiência estética envolve-nos por inteiro, cria capacidades de compreender a vida e a natureza, e compreender a vida é criar.

Uma formação docente, pautada na filosofia estética defendida por Greene e Dewey, portanto, é um empreendimento consciente projetado para articular, ao mesmo tempo, o apreciativo, o reflexivo e o cultural de forma participativa com as artes, permitindo que os envolvidos nesse projeto formativo percebam o que há para ser notado e prestem obras de arte às suas vidas de tal forma que possam alcançá-las como variáveis de significado. Quando isso acontece, novas conexões são feitas

no material da experiência: novos padrões são formados, novas perspectivas são abertas. As pessoas veem de forma diferente, ressoam de forma diferente.

É na interação consciente com a experiência que o destino do ser vivo postula sua carreira e destino. Todo o processo do viver é contínuo e integrado. Neste sentido de que o mundo não está externo ao sujeito, ele intercambia ligações íntimas, processos de tensões, sendo que, se nesse processo não desenvolvemos uma maneira inteligente e criativa para sobreviver, apenas viveremos nos adaptando. O que nos revela a experiência estética é justamente essa acentuação da vitalidade, essa troca inteligente e cuidadosa com o mundo (DEWEY, 2010).

Outra prerrogativa importante nesses encontros de formação residiu em buscar compreender que a experiência estética parte de contextos diretamente humanos – exigindo prática e estudo, contrariando a ideia de que Arte é “dom”. A concepção de arte, nesta perspectiva, parte do pressuposto das qualidades da experiência humana em contato com os processos do viver.

Alinhar esta concepção de arte nos processos do viver, em um percurso formativo para professores, é extremamente relevante. Muitos profissionais da área da educação chegam com a ideia de que a produção estético-artística só pode ser realizada por artistas. Nesse sentido, o primeiro passo é provocá-los para que se permitam experimentar sua capacidade criativa. E de continuarem se permitindo à criação e imaginação, buscando uma aproximação com uma consciência mais informada, com uma maior clareza sobre o papel das artes e o significado das artes em sua própria vida, na vida de seus alunos, e da relevância das artes para compreender a humanidade. Como também compreender e articular esta consciência e capacidade imaginativa na sua trajetória profissional e com as artes que escolherem fazer em seus locais de trabalho (GREENE, 2001).

É neste sentido que a formação foi pensada de maneira participativa. O objetivo foi articular a interface entre as experiências produzidas no espaço do ateliê e a formação estético-artística enquanto natureza reflexiva do ser humano – estando na vida, no cotidiano. Tratou-se de compreender em que sentido, no espaço do ateliê de pintura, essa natureza estético-reflexiva ressoa uma consciência de si e do mundo e, como acontece a articulação prática estético-artística e prática docente

com vista a uma atitude democrática, criativa e comprometida com o saber docente. No que implica, para professores e estudantes de licenciatura, praticar exercícios estético-artísticos, e como esses (futuros) profissionais experienciam estas práticas estéticas como construção de conhecimento.

Como ideia inicial, trouxe a imagem do Uróboro: uma serpente que morde a própria cauda e simboliza um ciclo de evolução encerrado nela mesma. Foi com esta imagem que seguimos, perseguindo a articulação entre a prática docente e as práticas estético-artísticas, como os conteúdos dessas duas áreas gerariam essa “nova maneira” de compreender a docência.

A primeira pista surgiu quando sugeri que construíssemos cartografias docentes. Estava constantemente atento em construir uma relação próxima entre os processos de experiência dos participantes com o cronograma elaborado, reorganizando-o constantemente durante o percurso da formação, considerando as experiências dos participantes.

Esta atitude é filosófica, pois privilegia a experiência em oposição aos imprevistos. Existem planos, mapas, e é preciso estar atento para “aprender da experiência”. Reconhecendo que associações retrospectivas e prospectivas são constantemente necessárias nesse percurso, pois são elas que mensuram as consequências das nossas aprendizagens ou experimentações. Nessa perspectiva de ensinar-aprendendo, o que está em jogo é criar condições para que sempre se tente agir sobre determinado problema, não recaindo na monotonia e na passividade. A palavra que une este ciclo, ou para continuar na imagem do Uróboro, a cabeça e a cauda desta serpente se unem em uma única palavra: redescobrir – redescobrir a relação das coisas do mundo. É só assim que sabemos o quanto estamos experimentando nossos conhecimentos (DEWEY, 1959).

### **Experiência Estética**

A experiência estética, ou o seu material, são colagens que vamos realizando ao longo da vida. Ao contrário de serem acúmulos de experiências anteriores, a experiência estética é o recorte-cola de seleções inteligentes que vamos sobrepondo

e justapondo, de forma a organizar um pensamento. E por ser uma conexão com a natureza da qual fazemos parte, “a experiência estética é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento, e também o juízo supremo sobre a qualidade desta civilização”. (DEWEY, 2010, p. 552).

Sendo a experiência estética material essencial para a composição cognitiva humana, ela não pode ser abandonada dos cursos de formação de professores, nem tampouco esquecida nos currículos escolares. Nenhuma outra experiência é capaz de envolver o organismo em fluxos/refluxos cognitivos como a experiência estética. Este movimento impulsiona um despertar generalizado do organismo, levando-o a reflexões, que com o envolvimento com as obras de arte e com promulgações estéticas liberam a imaginação (GREENE, 2007).

Mas do que estou falando quando situo a filosofia da experiência estética nesta pesquisa? O que a torna diferente de outros trabalhos que abordam o mesmo tema: formação estética docente?

A experiência estética, nessa formação, é compreendida como um processo evolutivo, no qual a rigidez das “regras acadêmicas” é deixada de lado. O que é considerado nesta perspectiva da experiência estética ou da educação estética dos docentes é a regulação dos processos naturais e espontâneos de observação, questionamentos, sugestões e análises do contato com produções estético-artísticas.

Greene menciona que essa maneira de articular o saber estético com a formação de professores permite maior compreensão sobre a produção artística, mas que compreender mais, saber/sentir mais sobre Arte, não é tudo. Não se trata apenas de descobrir mais sobre as diversas formas de artes; a questão é estar mais consciente no mundo. Isto significa saber da existência de obras de arte e que estas fazem parte do cotidiano ao mesmo tempo em que estão para além deste cotidiano, que existe um “mundo das artes” e seus significados podem ser alcançados.

Somente quando estamos dispostos a compreender ativando a imaginação, experimentando nossa capacidade criadora, como seres autênticos e incompletos, é

que experienciamos uma forma de saber/sentir/conhecer o suficiente para não apreendermos as obras de arte encerradas em teorias compartimentalizadas, mas sim as colocando junto ao ciclo natural da vida.

Talvez a particularidade dessa formação esteja na forma/conteúdo de inquirir sobre os conceitos e estratégias de ensino que levam à reflexão. Essas perguntas emergem do contato direto com o fazer/sentir/pensar estético-artístico. Elas evoluem do esforço para criar possibilidades aos participantes de um tipo particular de encontro – uma experiência estética.

“Educação Estética”, para Greene, não representa uma noção de beleza, ou perfeição, ou objetivação fria. Nem se refere apenas a qualquer ramo ou abordagem na estética filosófica tradicional. Pelo contrário, é um

[...] empreendimento intencional destinado a compromissos apreciativos, reflexivos, culturais e participativos com as artes, permitindo que os alunos percebam o que há para ser notado, e emprestar obras de arte às suas vidas de maneira que eles possam alcançá-las de forma diversamente significativa. Quando isso acontece, novas conexões são realizadas na experiência: novos padrões são formados, novas vistas são abertas, pessoas passam a ver diferentemente, ressoam diferentemente (GREENE, 2001, p. 6, tradução nossa).

Ela, como Dewey, preocupa-se com a natureza de uma experiência estética, com este encontro singular com uma obra de arte. É essa articulação, ou troca "transacional" entre pessoa e trabalho, que a educação estética se esforça para permitir, nutrir e tornar possível. Essa abordagem é distinta das visões passivas da apreciação da arte e da aprendizagem das habilidades de uma forma de arte (aprender a técnica pela técnica, por exemplo). Encontra-se entre os dois, envolvendo aspectos de ambos, e ainda é também a sua própria terceira abordagem – apreciação. A educação estética é uma espécie de “grande despertar” – o despertar da imaginação, da capacidade criadora. Tanto Dewey quanto Greene afirmam, em seus escritos sobre educação, que o inimigo de toda e qualquer proposta educativa preocupada com a qualidade das experiências estéticas são o fixo, o rígido, a rotina, a “crosta de convenção” (DEWEY, 2011; GREENE, 2001).

Entretanto, o conhecimento produzido em uma experiência estética cria condições para que o sujeito percorra suas travessias, indo além de meras formulações

copiadas, um seguidor de regras sem capacidade crítica ou inteligência reflexiva. A experiência estética e o seu “produto” nos movimentam para criarmos roteiros para viver – criar alternativas para vivermos criativamente, de estar no mundo de forma inteligente.

[...] as artes nos permitem deixar de lado (pelo menos por um tempo) o sufocamento familiar e o banal. Ela nos abre visões do possível ao invés do previsível; permitindo-nos, se decidimos dar à nossa imaginação livre jogo, para olhar as coisas como se pudessem ser de outra forma. Uma imaginação poética pode ser promovida se pudermos deixar de lado, de vez em quando, nosso desejo de respostas, nossa esperança de posse (GREENE, 2007, p. 495, tradução nossa).

Aprender a partir da experiência estética impulsiona a imaginação. São momentos e encontros ativos, vivos, que fazem brotar formulações de sentidos que desafiam a passividade e a rigidez. Os encontros resultantes desse tipo de experiência são as aberturas de novas experiências, incluindo travessias criativas, nas quais a capacidade de perceber, de questionar o mundo e a si mesmo, só será melhorada.

Sendo assim, a Educação Estética, postulada por Greene, encontra-se com a experiência estética defendida por John Dewey. Para ele, ter uma experiência estética significa entrar em contato com a obra, perceber de fato suas particularidades, que só assim se torna objeto da experiência. Esta experiência é possível ser concebida como uma travessia, a qual percorremos para entender o mundo e como nos relacionamos com ele. Isso nos exige pensar ativamente, criticamente acerca das coisas que nos são reveladas. Exige-nos romper os limites do sabido, da receptividade passiva (DEWEY, 2010; GREENE, 2007)

O caminho a ser percorrido na experiência estética é desafiador, porque interroga as certezas, coloca a dúvida no lugar das respostas *a priori*, exige-nos a criação, a busca de uma linguagem “própria” – ou como prefiro chamar: uma linguagem imaginante.

Talvez esta forma de apreender a formação docente e os conhecimentos produzidos nela seja, antes de mais nada, relevante apreender todo e qualquer processo educativo, sendo não uma preparação para a vida, mas a própria vida. Por isso, a abordagem de uma experiência estética, conforme articulada com bases na filosofia de Dewey e Greene, intenciona, com as artes visuais, mais especificamente com a

linguagem expressiva da colagem, permitir um encontro pessoal, transformador – uma experiência estética – com uma obra de arte específica. Trata-se de um “trabalho vivo”.

Esta formação concentra-se, quase exclusivamente, nas obras criadas pelos participantes, criando pontes de diálogo entre o próprio grupo para pensar a Arte. Ou seja, intencionando a experiência estética do criador e do preceptor.

O percurso de ensinar/aprender Artes Visuais, nessa perspectiva, envolve elementos de criação estético-artística, pesquisa e conexão com outras áreas curriculares, ao mesmo tempo em que constrói conscientemente as habilidades de percepção. A experiência estética, no seu sentido educativo, é promulgada através de um processo colaborativo entre todos os envolvidos na formação.

As propositivas que envolveram ênfase na percepção, no entanto, não significam que estas estejam limitadas a uma apreensão cognitiva ou a um único processo mental. Envolver é entendido como mover-se, criar e sentir; está enraizado no corpo e em processos artísticos autênticos, e inclui componentes reflexivos, verbais e contextuais (históricos, culturais) entrelaçados como aspectos da experiência total.

É necessário esclarecer que o objetivo deste estudo não é comparar as visões filosóficas dos estudos em formação docente, mas começar a articular o que uma prática embutida em uma filosofia da experiência estética particular se parece e como ela é promulgada. Só então o campo pode começar a considerar a filosofia e sua prática em um contexto significativo.

### **Colagem**

A ideia de trabalhar com a técnica da colagem como linguagem e expressão, no percurso dessa formação estética para docentes e estudantes de licenciatura, é justamente sua forma expressiva e clara de fazer emergir imagens que revelam seu tempo. A colagem para pensar a experiência docente é um desdobramento da minha prática artística. É o que venho estudando e praticando no percurso do meu doutoramento na linha de pesquisa de Ensino das Artes Visuais.

Para não utilizar uma didática “fixa, rígida, ou uma crosta de convenções”, trouxe para o conhecimento dos participantes algumas pistas acerca do surgimento da

colagem no cenário artístico, como seu impacto enquanto linguagem no campo das Artes, através do que chamei de observação participante. Esta observação participante se dá no contato do sujeito com a própria obra de arte, ao mesmo tempo em que observa a obra, indaga sobre sua substância e forma. Para Dewey, a forma

[...] assinala um modo de contemplar, sentir e apresentar o material vivenciado de tal sorte que ele se torna, de maneira rápida e eficaz, um material para a construção de experiências satisfatórias por parte dos menos dotados que o criador original (DEWEY, 2010, p. 220).

Trabalhar nessa perspectiva significa compreender que a obra de arte é “um material conformado em sua substância estética” (DEWEY, 2010, p. 220). Este material se diferencia entre *o que* é feito do modo *como* é feito. Substância e tema são conteúdos distintos nessa perspectiva, entre “a matéria *para* e a matéria *na* produção artística” (*ibidem*, p. 221). Dewey explica que a *matéria para* é o tema, que pode ser descrito diferente do produto artístico. No caso específico aqui pesquisado, o tema é a formação docente —sua matéria estética, que é o ato de pensar investido em uma linguagem artística. Sendo assim, a substância, o material estético produzido destes estudos são os exercícios estético-artísticos dos participantes.

Esses exercícios se tornam matéria estética, pois possuem na sua forma componentes de uma experiência consumada, a qual é o resultado direto da experiência estética, pois é um processo que não é conclusivo. Não se conclui no final do dia ou do percurso formativo. Ele continua pulsante no participante, à medida que este toma consciência da sua capacidade criativa, de produzir sentido e ampliar a sua inteligência imaginante. Para Greene, a educação estética está sempre relacionada à imaginação. “Muito depende da imaginação [dos alunos] sendo despertada de seus sentimentos infundindo seu pensamento, suas percepções fundamentando o que eles vieram a conhecer” (GREENE, 2000, p. 41).

Em meio a essas experimentações (históricas, culturais), a estratégia foi a de conversar, ouvir, mostrar e ir construindo. Ao mesmo tempo em que passamos a conhecer historicamente este período do “mundo das artes”, produzimos exercícios com a técnica da colagem, associando um conhecimento que é histórico e prático, objetivando um saber prático-teórico sobre a colagem. Sempre tomando como principal referência o trabalho de artistas.

Para sistematizar a produção, criamos categorias que nos auxiliariam na composição das colagens. Estas categorias foram: seleção, coleção, apropriação, justaposição, sobreposição e montagem. Passamos a exercitá-las em conjunto com os conteúdos que foram surgindo nos primeiros exercícios: representação, imaginação, a cor na composição da colagem, justaposição, monocromia, figura e fundo, decomposição da imagem (abstrato e figurativo).

Nesse momento foi necessário reformular o programa de formação. Realizamos alguns estudos e exercícios que contemplaram todos os conteúdos. Após alguns dias de exercícios, escolhemos trabalhar com um tema. Nessa etapa da formação, o tema seria o que direcionaria o ensejo criativo – serviria como um dispositivo para a investigação poética. O tema escolhido foi: “Devaneios poéticos na travessia docente”.

Então, trabalhamos nesse tema, junto aos conteúdos: representação, imaginação, a cor na composição da colagem, justaposição, monocromia, figura e fundo, decomposição da imagem (abstrato e figurativo), e passamos alguns dias compondo as colagens. Após cada participante ter elaborado sua colagem, reservamos um dia para realizar uma “clínica de obras”. Nesse dia comentamos sobre o processo de cada um, como chegou ao resultado daquela colagem, como foi realizar esse tipo de trabalho, como se sentia após a conclusão, se ficou satisfeito...

Como todos concluíram de maneira satisfatória suas produções, convidei-os a produzir uma série dos seus trabalhos. Mas, dessa vez, desdobrando a técnica, utilizando outra linguagem, a gravura. Tudo ainda partia do pressuposto da colagem. Passamos a fazer monotípias (a tinta óleo e na prensa) da imagem que havia sido produzida na colagem. O objetivo era que todos pudessem observar a dinamicidade de uma imagem, como poderíamos desdobrar as nossas propostas imagéticas aproveitando exclusivamente o recurso de outras linguagens contemporâneas, nesse caso, a monotípia usando a impressora e a prensa.

Compreender essas transações possíveis da arte contemporânea implica rejeitar qualquer separação ou dicotomias entre teoria e prática, forma e conteúdo, aprender e ensinar, assunto e objeto. A ideia do desdobramento é sempre perceber as coisas na sua totalidade, inter-relacionado, em vez de dissecado.

O mundo visto na sua totalidade. Esta era a ideia, ou melhor, o conceito apreendido nos exercícios de colagem. Em um primeiro momento, o ato de rasgar parece aproximar-se do de dissecar, mas, ao contrário disso, o ato de rasgar é o mesmo de aproximar-se das coisas; o ato de rasgar e justapor ou sobrepor foi sinônimo de desdobrar uma coisa em outra, ou seja, era preciso conhecer para interagir e trazer à tona outra imagem.

A integração do sujeito com a obra, perceber ao mesmo tempo que é capaz de ter uma experiência estética, esta ideia de continuidade ao apreciar e realizar em ação um trabalho estético-artístico, é um tópico sobre o qual Dewey escreveu. Ele se opôs completamente à dualidade e à fragmentação. É preciso apenas atender aos títulos de suas muitas obras (*Experiência e Educação*, *Arte como Experiência*, *Criança e Curriculum*, *Democracia e Educação*, para citar apenas alguns) para observar seu impulso profundo para trazer ideias para articulações e vê-las como continuidades, em vez de partes diferentes ou distintas.

Foi nesta mesma prerrogativa que a colagem foi trazida nessa formação. A ideia de selecionar, colecionar, justapor e sobrepor para construir uma imagem que levasse à reflexão acerca da formação estética e docente de cada participante. Era pensar em percursos de continuidade, tomando as artes visuais como seu maior e mais promissor caminho. O que elucidaria a consciência em atitudes mais criativas, dinâmicas, mais inteligentes.

### **Considerações finais**

Enfim, trouxe ao leitor um recorte do percurso inicial da minha pesquisa sobre formação estética docente. A empreitada inicial é compreender a possibilidade de uma formação estética docente ancorada na filosofia da experiência estética de John Dewey e da educação estética de Maxine Greene.

Sem nenhuma precipitação, revelo que tal investimento é possível. Realizei nos meses de março e abril de 2017, num total de vinte e quatro horas, encontros de formação estética com professores e estudantes de licenciatura de diversas áreas do conhecimento (Pedagogia, Artes Visuais, Ciências Biológicas, Geografia, Filosofia, Jornalismo, Design). Dezenove participantes, inteiramente comprometidos do início ao fim dos encontros, em produzir e compreender sua capacidade criadora,

como também em articular esses procedimentos estéticos às suas práticas docentes. Só nesta intenção é que poderia ter chegado ao meu objetivo, mas a ideia é sempre ir além.

Certamente, esses profissionais e estudantes conheceram a alegria e a tensão de trabalhar com suas experiências estéticas, e em sequência colocaram as questões sobre seus próprios conhecimentos estéticos, na medida em que fomos experienciando novas maneiras de visualizar o desdobramento das colagens. Nesse ínterim de experimentar sua capacidade criadora ao mesmo tempo em que se colocam questões sobre suas próprias experiências, é onde – revela Greene – que começa a educação estética.

É justamente a conexão entre a presença de um trabalho estético-artístico e a exploração de seus materiais, os mistérios de sua forma, que exploramos nesses encontros. Explorando os conteúdos e as técnicas já mencionadas, os professores e estudantes participaram não só cognitivamente e de acordo com uma regra, mas puderam participar com todas as suas emoções, com todo o seu organismo, corpos-mentes trazidos para novas articulações e aprendizagens, para uma nova maneira de interagir com o mundo.

### Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Democracia e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Experiência e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GREENE, Maxine. *Art, imagination, and school renewal: Toward a common language*. In: A. Costa (Ed.), *Teaching for intelligence I: A collection of articles* (pp. 39-54). Arlington Heights, IL: Skylight, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Variations on a blue guitar: The Lincoln Center Institute lectures on aesthetic education*. New York: Teachers College Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Beyond Incomprehensibility. The Maxine Greene Center aesthetic education*. New York, 2007. Disponível em: <[https://maxinegreene.org/uploads/library/beyond\\_i.pdf](https://maxinegreene.org/uploads/library/beyond_i.pdf)>. Acesso em: set. 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. *O grande jogo do caminhar*. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

### Fábio Wosniak

Doutorando em Artes Visuais - PGAV/UDESC; Mestre em Artes Visuais - PPGAV/UDESC (2015); integrante do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC) e do Grupo Arte na Pedagogia (Mackenzie/SP).